

“Se músculo é coisa de homem, por que você não tem?”

Etnografia do fisiculturismo feminino em Santa Catarina

Helena Motta Monaco*

RESUMO: Ao longo dos anos, as mulheres foram adentrando espaços profissionais anteriormente ocupados exclusivamente por homens. O século XX trouxe um avanço muito importante na inserção de mulheres tanto no mercado de trabalho quanto na atuação em esportes. As mulheres atletas, e especialmente as do fisiculturismo, são vistas como desafiadoras das noções de feminilidade normativa devido à prática de esportes; porém, atributos como feminilidade, graciosidade e delicadeza são critérios de avaliação das atletas nas competições organizadas pelas federações de fisiculturismo, sendo, portanto, constitutivas do esporte nas categorias femininas. Além disso, essas atletas são constantemente confrontadas com dificuldades impostas à sua atuação no esporte, desde a falta de patrocínio até medidas das próprias confederações para limitar o volume muscular desenvolvido por elas.

Palavras-chave: fisiculturismo; mulheres no esporte; gênero; corpo

Introdução

A pesquisa que dá origem a este artigo foi realizada em 2015, tendo como objetivo identificar como se dá a inserção e vivência de mulheres atletas no fisiculturismo de Santa Catarina e interpretar as representações de gênero associadas à prática e juízos de valores a respeito dela.

Até pouco tempo, as mulheres eram impedidas de praticar esportes profissional ou competitivamente, especialmente aqueles que envolvem grande esforço físico, por serem vistas como frágeis e incapazes. Pouco reconhecido no Brasil, o fisiculturismo é um esporte puramente estético – que visa à adequação das formas corporais a padrões de competição e a apresentação da aparência dos corpos –, pautando-se na potencialização muscular em volume, definição e simetria. As categorias de competição possuem diferentes critérios de avaliação das atletas, que moldam seus corpos através de exercícios físicos, dietas rígidas, e, frequentemente, de anabolizantes. Por ser muito relacionado à força física, o fisiculturismo foi e ainda é um espaço de luta e resistência para as mulheres que o praticam, que precisam lidar com a desvalorização de seu esforço, carência de patrocínios e menor premiação em dinheiro do que as categorias masculinas.

* Bacharel em Ciências Sociais (UFSC)

As confederações de fisiculturismo nacionais e internacionais têm tomado medidas limitadoras em relação às categorias femininas, solicitando que as atletas diminuam seus volumes musculares, contrariando, assim, o objetivo original do esporte. Utilizando o método etnográfico através de entrevistas, observação participante e acompanhamento de campeonatos, observei que estas medidas são recebidas com desgosto pelas atletas que, como os homens, desejam desenvolver sua musculatura até o limite. Além disso as mulheres são usadas pelas confederações como instrumento para atrair público e patrocínio, com a criação de categorias que devem se apresentar como ‘bonitas’, ‘femininas’ e ‘sem volume muscular excessivo’, mas que são tratadas como atletas de segunda categoria.

Nos campeonatos de fisiculturismo, atletas se apresentam no palco fazendo poses ou coreografias que permitem exibir a definição muscular, e são julgadas e julgados segundo os critérios de cada categoria. A Federação Internacional de Fisiculturismo e Fitness, ou International Federation of Body Building and Fitness (IFBB) é a principal responsável pela organização das competições de fisiculturismo internacionais e determina os critérios de avaliação para cada categoria. Para os campeonatos nacionais, existe a Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness (CBMFF – IFBB Brasil), além das Federações Estaduais. A IFBB Brasil, antes chamada CBC (Confederação Brasileira de Culturismo) foi reconhecida pelo Conselho Nacional de Desportos em 1976 e filiou-se à IFBB em 1978 (FURTADO, 2009).

Existem vários níveis de campeonato de fisiculturismo pela IFBB (além de outros desligados da organização). O primeiro deles é o Campeonato Estadual Estreantes, destinado a atletas que estão iniciando sua carreira esportiva. A Federação Estadual é responsável pelo critério de classificação dos atletas, podendo definir quais serão liberados para a participação no Campeonato Estadual, do qual participam os atletas que se classificaram no Campeonato Estreantes ou que já competem no Estadual. São classificados para o Campeonato Brasileiro os atletas que obtiverem 1º, 2º e 3º lugar em cada categoria no nível anterior, além do atleta, de cada categoria, que for campeão brasileiro do ano anterior, sem que este precise passar pelo Campeonato Estadual. Cada Federação Nacional pode inscrever, então, um atleta de cada categoria para o Campeonato Sulamericano, podendo este ser o 1º, 2º ou 3º colocado no Campeonato Brasileiro. Para o Campeonato Mundial, cada Federação Nacional pode

inscrever dois atletas de cada categoria, podendo ser, também, 1º, 2º ou 3º colocado no Campeonato Brasileiro.

Os estudos de gênero e a pesquisa sobre mulheres no esporte

O fisiculturismo feminino no Brasil é um tema pouco abordado pelas Ciências Sociais, sendo estudado por apenas algumas autoras da área da Educação Física. Inserindo-se nos estudos de gênero, minha pesquisa contribui para a compreensão de feminilidades subalternas, bem como para estudos relacionados às mulheres nos esportes e o culto ao corpo. Segundo Miriam Grossi (1998) os estudos de gênero são consequência das lutas libertárias dos anos 1960, que almejavam mais igualdade e justiça. As mulheres que militavam nos movimentos libertários perceberam que, mesmo lutando em pé de igualdade com os homens, tinham papéis secundários. A palavra “gênero” começou a ser utilizada mais amplamente pelas feministas, como forma de se referir à organização social da relação entre os sexos. Seu sentido mais atual surgiu provavelmente entre as feministas estadunidenses que buscavam evidenciar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo, rejeitando com essa palavra o determinismo biológico a que faz referência o termo “sexo”, por exemplo, e sublinhando o aspecto relacional das definições normativas de feminilidades. (SCOTT, 1995).

Gênero serve, portanto, para determinar tudo que é social, cultural e historicamente determinado. No entanto, como veremos, nenhum indivíduo existe sem relações sociais, isto desde que se nasce. Portanto, sempre que estamos referindo-nos ao sexo, já estamos agindo de acordo com o gênero associado ao sexo daquele indivíduo com o qual estamos interagindo. (GROSSI, 1998, p.05)

A pesquisa sobre gênero na história do esporte se iniciou na Europa e Estados Unidos em meados da década de 1970 e, no Brasil, na década de 1980 (GOELLNER, 2012). Os estudos de gênero “inauguraram a identificação do esporte como um importante espaço na construção e incorporação de masculinidades e feminilidades” (Ibid., p.47) e romperam com a naturalização das diferentes experiências vividas por homens e mulheres e sua justificativa biológica. Silvana Goellner (2012) identifica uma dupla marginalização dos estudos de gênero no esporte: por um lado, os feminismos

pouco se voltam à prática esportiva; por outro, os estudos do esporte ignoram a generificação que o estrutura. Mesmo assim, os estudos feministas e de gênero permitiram e permitem um novo olhar sobre o esporte, identificando, por exemplo, que os corpos, as gestualidades e a saúde são construções históricas que foram associados a homens ou mulheres em diferentes tempos e espaços. “Com isso, evidenciou-se que a naturalizada aceitação do esporte como um campo de “reserva masculina” justifica-se não pela distinta biologia dos corpos de homens e mulheres, mas por aspectos sociais, culturais e históricos.” (Ibid., p.48).

De acordo Miriam Grossi (2004), há algumas décadas era comum que o salão de beleza fosse um espaço importante para a reafirmação da feminilidade, onde muitas mulheres passavam uma tarde inteira, pelo menos uma vez por semana, fazendo penteados, unhas, depilação, etc. Atualmente as academias de musculação frequentemente realizam este papel, onde é costumeiro que mulheres passam algumas horas por dia construindo seus corpos.

A beleza é um dos elementos centrais da constituição da feminilidade no modelo ocidental moderno, pois é ela que permitirá à mulher se sentir desejada pelo homem. A cada momento histórico são constituídos modelos específicos de beleza. [...] Apesar da beleza ser vista como um dom natural, os tratados e conselhos dados às mulheres sugerem que ela deve ser preservada através de muito esforço e autocontrole. Se antes as horas passadas nos salões de beleza bastavam para produzir esta beleza, hoje é necessário um esforço cotidiano em esteiras e aparelhos de musculação, mas também no recurso regular a regimes e cirurgias plásticas, nas quais se acrescenta um pouco de silicone ou se retira através de lipoaspiração excessos em partes do corpo. (GROSSI, 2004, p.11)

Ao contrário da beleza feminina descrita por Grossi (2004), a particularidade da estética fisiculturista é o fato de ser vista como contrária à natureza. Nesta perspectiva, o corpo deve ser ainda mais controlado e deve passar por ainda mais sacrifícios, pois pretende-se contrariar a natureza. Nas palavras de uma fisiculturista: “Se a gente for pensar, mulher não é pra ter músculo. É pra ter gordura”. Esta estética vista como antinatural é acompanhada, nos momentos de competições, pelos artifícios feminilizantes descritos: os implantes de silicone (permitidos apenas nos seios) e horas gastas não só nas academias, mas também nos salões de beleza, com penteados e maquiagens (inclusive tinturas corporais) elaborados.

Segundo posicionamento oficial da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte, a prática esportiva de mulheres foi motivo de preconceito desde a Grécia Antiga, quando elas eram proibidas de assistir aos Jogos Olímpicos. Impedidas de

praticar esportes pela justificativa de que o exercício seria prejudicial a sua saúde, as mulheres só foram admitidas a participar ativamente de competições oficiais de maratonas e outros eventos de maior intensidade em 1972. (LEITÃO et al., 2000). No século XIX, a dança era a única prática corporal permitida às mulheres, atividade que posteriormente veio influenciar muito a ginástica feminina, considerada particularmente apropriada às mulheres por não exigir equipamentos, companhia, ser desprovida de competitividade e poder ser realizada em casa. (MATHIAS e RUBIO, 2010).

De acordo com Silvana Goellner (2005), a inserção das brasileiras nos esportes ocorre de forma mais ativa nas primeiras décadas do século XX. A primeira atleta brasileira a competir em uma Olimpíada foi a nadadora Maria Lenk, em 1932. Sua participação foi de suma importância pois difundiu a imagem de mulher atleta de competição.

No Brasil, até meados do século XIX, a estrutura extremamente conservadora da sociedade não permitia às mulheres grande participação em alguns ambientes sociais, dentre eles o esportivo, uma vez que eram criadas para serem esposas e mães. Gradativamente esse quadro começa a mudar. (GOELLNER, 2005, p.88)

A vertente feminina do fisiculturismo, no entanto, só desponta nos anos 1980 (JAEGER, 2009). Segundo Bolin (2001 apud JAEGER, 2009), a introdução do treinamento de resistência para mulheres atletas nos anos 1950, em conjunto com a visibilidade das ações do movimento feminista nos anos 1960 e a popularidade do fitness na década seguinte foram elementos que possibilitaram o interesse das mulheres na construção da potencialização muscular, tornando possível também a organização de competições de fisiculturismo feminino. No Brasil, o esporte é praticado pelos homens desde os anos 1940, entretanto, é só em 1980 que o país passa a sediar eventos internacionais e apenas no final dessa década as mulheres começam a integrar essas disputas. Os registros sobre as brasileiras protagonistas do esporte são escassos (JAEGER, 2009).

Gênero e fisiculturismo: uma abordagem etnográfica

No decorrer da pesquisa assisti a dois campeonatos, ambos promovidos pela Federação Catarinense de Culturismo (IFBB-SC) em 2015, nos quais competiram

quatro categorias femininas: a Bikini Fitness, Wellness, Women's Physique e BodyFitness. As categorias masculinas foram também quatro: Fisiculturismo Júnior, Culturismo Clássico, Fisiculturismo Sênior e Men's Physique. No site da IFBB Brasil são descritas todas essas categorias, além da Fitness Coreográfico masculina e feminina, que competem nacionalmente. Descrevo brevemente abaixo as categorias que observei, com base no que vi nos campeonatos e com apoio nas descrições oficiais da IFBB Brasil e IFBB-SC.

Bikini Fitness: Esta categoria foi inserida nas modalidades da IFBB em 2011 e não tem correspondente masculina. A definição e o volume muscular não são permitidos. A atleta deve apresentar um corpo simétrico, com baixo percentual de gordura. Beleza facial, simpatia, cabelo e maquiagem de bom gosto e graciosidade são levados em consideração na pontuação. São utilizados sapatos de salto alto, biquínis brilhantes e coloridos e joias grandes. As atletas estão sempre maquiadas e utilizam os cabelos soltos e longos. Desfilam no palco sorrindo constantemente, movendo muito os quadris e curvando as costas. Fazem movimentos suaves e ondulações com os braços. As poses para avaliação são todas relaxadas, sem flexionar os músculos. Em um momento da apresentação, é solicitado que as atletas caminhem até o fundo do palco e voltem novamente à frente. Esta categoria é usualmente descrita como muito feminina e bonita. Ela possui muitas competidoras e a maioria das atletas parece ser jovem. Muitas têm próteses de silicone nos seios. Utilizam longos cabelos soltos, muitas vezes tingidos de loiro.

Wellness: Categoria criada no Brasil em 2005, não sendo ainda reconhecida em competições internacionais. Atualmente estuda-se a possibilidade de levá-la às competições fora do Brasil. Foi criada para abarcar a maioria das mulheres frequentadoras de academias que não encontravam nas demais categorias um espaço para competir, por possuírem uma certa desproporção entre os membros superiores (que seriam menos hipertrofiados) e inferiores (mais volumosos). A atleta deve apresentar baixo percentual de gordura e tônus muscular moderado. Os músculos devem ter uma forma considerada “natural” e firme, priorizando a beleza estética e feminina (entendidas como “curvas”). Também é considerada a desenvoltura no palco, sensualidade e carisma. A atleta desta categoria possui um físico parecido com a anterior, mas com os músculos inferiores mais desenvolvidos. A apresentação também é semelhante, tanto no desfile quanto nas poses, caminhada ao fundo do palco, joias, cabelo, biquíni, sapato e maquiagem. Esta categoria é muitas vezes descrita como uma

alternativa à Bikini Fitness, por ser considerada feminina, mas mais condizente com os padrões brasileiros. Argumenta-se que a mulher brasileira possui pernas e glúteos naturalmente maiores e também uma disposição ou desejo maior para desenvolvê-los, tornando difícil enquadrá-la na categoria Bikini, que é caracterizada por pernas finas. No site da IFBB Brasil, descreve-se o físico da atleta Wellness como voluptuoso e seguindo a “forma feminina natural”. O número de atletas nessa categoria também é grande, mas um pouco menor que na Bikini. Elas também são jovens, se movem de forma suave e utilizam muito brilho, tanto no biquíni quanto em joias e maquiagem.

BodyFitness: Apresenta volume muscular moderado, definição sem marcações, músculos firmes, baixo percentual de gordura e um corpo longilíneo em forma de “V”. O físico deve ter aparência considerada saudável e atlética. São avaliados cabelo, beleza facial, autoconfiança, equilíbrio e graça. São utilizados sapatos de salto alto, biquínis brilhantes e coloridos e joias grandes. As atletas usam maquiagem pesada e cabelos soltos, ou meio presos, longos e estilizados. As poses são semi-relaxadas, sem poses compulsórias com flexão de músculos. O número de atletas inscritas nessa categoria é menor que nas anteriores e seu volume muscular é maior. Também parecem ser um pouco mais velhas que as atletas Bikini e Wellness em geral, talvez pela maior muscularidade que requer mais tempo de treinamento para atingir.

Women’s Physique: Oficialmente reconhecida como uma nova categoria em 2012, a Women’s Physique apresenta baixo percentual de gordura corporal, simetria e definição muscular. Os músculos devem apresentar uma forma arredondada e firme, com volume moderado, mas “sem exagero”, segundo as regras. Ainda assim, é a categoria que apresenta maior volume muscular entre as femininas. No Campeonato Estadual de Estreantes, o árbitro explicou ao público que “a Women’s Physique é uma categoria que quer ser musculosa mas não quer perder a feminilidade”. Também é considerada a desenvoltura e a personalidade na avaliação. As atletas se apresentam com biquínis sem brilho ou ornamentação (babados, renda, etc.), sem calçado e sem joias ou acessórios grandes. Utilizam maquiagem, tintura corporal e cabelos longos e soltos. Os músculos superiores são mais desenvolvidos nesta categoria do que nas anteriores. Assim como a maioria das categorias masculinas e ao contrário das demais femininas, a Women’s Physique possui poses compulsórias com flexão de músculos, além de uma rotina individual na qual a atleta apresenta-se coreograficamente mostrando o máximo de músculos que puder ao som de uma música de sua escolha. Esta categoria surgiu como substituta à Culturismo Feminino, que visava ao

desenvolvimento muscular ilimitado e que foi excluída, levando suas atletas a diminuírem seu volume muscular para se enquadrarem na Women's Physique. São poucas as atletas que competem na categoria. No Campeonato Estadual de Estreantes havia apenas uma atleta inscrita e no Campeonato Estadual não havia nenhuma.

Como pode-se observar a partir da descrição das categorias, a mulher fisiculturista nem sempre corresponde ao estereótipo de grande volume e definição muscular. Trata-se de um esporte complexo e muito heterogêneo. As categorias apresentam diferentes valorizações dentro do esporte, sendo a Women's Physique e a BodyFitness consideradas mais sérias e mais respeitadas por possuírem maior volume e definição muscular. Por outro lado, as categorias Bikini e Wellness são mais admiradas, consideradas bonitas e femininas.

Tanto a categoria Bikini Fitness quanto a Men's Physique são destinadas a atletas que poderiam trabalhar como modelos, aparecer em comerciais, capas de revista etc. Por esse motivo é que são consideradas as características faciais e a beleza geral tanto na categoria feminina quanto na masculina. Em uma breve descrição da categoria Bikini, o apresentador do Campeonato Estadual de Estreantes disse: “A Bikini poderia ser capa de revista ou fazer propaganda de biquíni. A gente vê essas modelos flácidas e anoréxicas aí. Então a Bikini tem essa intenção, ela não é musculosa, mas é levemente atlética”. Segundo Miriam Adelman (2011), a cultura da beleza feminina atualizou-se com a ênfase na mulher ativa, desenvolvendo novos padrões pautados na ideia de fitness. Atualmente, o corpo ideal seria magro e firme, mas sem músculos “em excesso”, indo de encontro às características da categoria Bikini Fitness.

Entretanto, diversas falas, tanto em entrevistas quanto comentários do público nos campeonatos e em redes sociais, demonstram que essas categorias menos hipertrofiadas, tanto masculinas quanto femininas, são relativamente desvalorizadas no esporte e não são levadas a sério. Apesar de se enquadrarem melhor nos padrões estéticos do público geral, elas não correspondem à estética do esporte. Os atletas Men's Physique competem de bermuda, ao contrário das demais categorias masculinas que competem de sunga e têm a musculatura dos membros inferiores avaliadas também. Durante um dos campeonatos, o apresentador explicou que esta categoria não é culturismo. Disse que é um perfil de garoto que poderia fazer uma propaganda, que conta a harmonia da face, não só o físico. Essa é também a categoria masculina mais numerosa nos campeonatos. Durante a competição da categoria nos campeonatos, escutei alguns comentários de homens (normalmente musculosos), como: “Passam mais

tempo escolhendo a bermuda do que fazendo dieta”; “Sou bem por fora dessa categoria. Só sei cabelo e bigode. E tem que vir de salto alto também.”; “Esse aí cortou o cabelo demais... porque não classificou.” Eles diziam essas coisas rindo. É interessante notar que eles deslegitimam a categoria comparando ela com as femininas, como na piada sobre o salto alto. Ao final da avaliação da categoria, em um dos campeonatos, o árbitro falou um pouco sobre essa hostilidade à categoria e sobre a função da Men’s Physique: “Não gosto do conflito entre Men’s e fisiculturistas. Men’s não é um fisiculturista que ficou no meio do caminho. Se você acha que vai ser julgado só pelo físico você tá enganado. Não adianta ter *shape* e não sorrir. Tá no lugar errado.”

Em uma entrevista realizada via chat online, uma atleta da categoria Women’s Physique declarou o seguinte, quando questionada sobre a popularização do esporte:

“Você tem competidores (as) que não são Atletas nunca serão. Mas estão lá... É fácil para o público comum confundir um esporte que se trabalha a estética e se compete de biquíni ou sunga com vulgaridade. Aí é que está o lado ruim. Esses competidores que não são Atletas e estão ali só pra se exporem e ganharem dinheiro mostrando a bunda... isso só se vê nas categorias do fitness, porque no Bodybuilding mesmo, aí somente atletas alcançam. O problema é que estão misturando as estações. Esses tipos emporcalham a imagem de um Esporte sério e muito exigente.” (Maria, 33 anos).

Nessa fala, pode-se perceber que a atleta considera que as categorias com menos volume muscular não fazem parte do Esporte (com E maiúsculo) e que seus competidores não são realmente atletas. Durante a entrevista ela demonstrou um descontentamento com essas categorias e com o fato de que a Culturismo Feminino, na qual competia, não existe mais no Brasil. Maria considera esta categoria, que era a mais hipertrofiada dentre as femininas, a mãe do esporte. Ao longo da história do fisiculturismo feminino, as federações tomaram diversas medidas para tentar reduzir o volume muscular das atletas.

Tendo se inserido no esporte nos anos 1980, as atletas do fisiculturismo começaram, na década seguinte, a construir medidas musculares agigantadas e uma maior definição muscular. Em 1992 os árbitros foram orientados a deixar de valorizar grandes volumes musculares e priorizar atletas que exibissem uma aparência “mais feminina” (WEIK, 2003 apud JAEGER, 2009). Essa percepção de feminilidade pode ser entendida segundo a perspectiva adotada por Pierre Bourdieu (2002) em relação à divisão entre os sexos, que segundo o autor está presente tanto em estado objetivado das coisas em todo o mundo social quanto em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus*

dos agentes, de forma que parece estar inscrita “na ordem das coisas”, passando a servir como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros. “O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes” (BOURDIEU, 2002, p.24). Os sexos são pensados segundo a oposição entre o grande e o pequeno, que constitui um dos princípios básicos da experiência dos agentes com seu corpo. Segundo esta oposição, o masculino corresponde ao “grande” e o feminino ao “pequeno”. Por isso, “os homens tendem a se mostrar insatisfeitos com as partes de seu corpo de consideram ‘pequenas demais’, ao passo que as mulheres dirigem suas críticas sobretudo às regiões de seu corpo que lhes parecem ‘demasiado grandes’” (Ibid., p.96). As atletas fisiculturistas são muitas vezes consideradas pouco femininas, ou mesmo masculinas, por contradizerem este princípio por meio da potencialização muscular. As categorias de competição descritas como “mais femininas” pela IFBB e pelas próprias atletas costumam ser justamente aquelas em que existe menos volume muscular.

O aumento dos volumes musculares das atletas causou um desinteresse da mídia e uma diminuição dos espectadores do esporte, provocando uma redução drástica nos investimentos financeiros. A IFBB criou as categorias *lightweight* e *heavyweight* com o propósito de receber, na primeira, atletas com um físico menos volumoso, que fosse considerado mais atraente. Como essa divisão não surtiu efeito nos investimentos, foi eliminada, e a IFBB enviou um comunicado, em 2004, solicitando que as atletas diminuíssem 20% de seu volume muscular, alegando que essa determinação foi movida por questões estéticas e preocupações com a saúde. (JAEGER, 2009).

Parece seguro afirmar que a abolição da categoria *Culturismo Feminino* é mais uma medida para combater o agigantamento muscular das atletas do fisiculturismo. Avaliada a partir dos mesmos critérios que as categorias masculinas de culturismo, a categoria mencionada visava à máxima hipertrofia e definição muscular, características que aparentemente desinteressam ao público e aos patrocinadores quando em uma mulher. Paralelamente, são criadas as categorias *Bikini Fitness* e, no Brasil, *Wellness*, com o intuito de popularizar o esporte, atraindo público, patrocínio e atletas novas. As atletas *Bikini* são extremamente magras e têm pontos descontados se possuem músculos volumosos. As *Wellness*, com um físico semelhante ao das famosas *Panicats* (assistentes de palco do programa televisivo *Pânico na Band*), têm coxas grossas e glúteos volumosos, mas membros superiores de proporções reduzidas. Em entrevista, uma atleta dessa categoria me disse que precisou diminuir o volume de sua musculatura

dos ombros e braços para competir, pois estava muito forte para a categoria. Ambas as categorias são consideradas muito belas e sensuais, têm mais fãs e mais chances de receber patrocínio porque sua aparência é mais aceita e desejada pelo público em geral. Entretanto, categorias mais “atraentes” não foram criadas apenas para mulheres. A categoria Men’s Physique também tem o intuito de abarcar possíveis modelos, atletas menos hipertrofiados e mais condizentes com os padrões estéticos do público em geral. Como foi observado, os Men’s Physique são alvo de zombaria talvez justamente por fazerem o mesmo papel que as categorias femininas mais numerosas, ou seja, de enfeitar o campeonato, atraindo público e patrocínio.

Este esporte, segundo Angelita Jaeger (2011), é um lugar de afirmação das masculinidades, constituído por homens e para homens, motivo pelo qual é caracterizado como um espaço de lutas e resistências para as mulheres. Seguindo esta mesma linha, Patrícia Lessa (2012) identifica uma condenação do fisiculturismo praticado por mulheres, devido ao excesso de musculatura normalmente associado à masculinidade. Isso faz com que o esporte seja limitado para as mulheres, com a escassez de patrocínio e a premiação em dinheiro que, muitas vezes, corresponde a um quarto do que é oferecido aos atletas masculinos (LESSA, 2012). As atletas do fisiculturismo seriam frequentemente chamadas a investir em atributos que garantam a feminilidade normalizada que seus corpos musculosos tendem a desestabilizar (JAEGER, 2011; JAEGER E GOELLNER, 2011).

A partir de 2005, as atletas são convocadas a fazer sobressair, afirmar e reafirmar em seus corpos os códigos convencionais de uma dada feminilidade. [...] Nesse processo, potencializam a definição dos contornos de cada músculo e, sobretudo, investem no requinte da toailete para exibição pública, que a cada ano se produz mais sofisticada e abrangente. Isso porque os cuidados meticulosos com a aparência atingem todas as modalidades femininas do fisiculturismo, exigindo que as atletas se esmerem mais e mais em apagar a ambiguidade dos seus corpos, acentuando os atributos que constituem uma feminilidade normalizada (JAEGER, 2011, p.09).

Jaeger (2011) atribui o crescente investimento das atletas fisiculturistas no requinte da toailete nas competições a uma exigência de que elas apaguem a ambiguidade de seus corpos com estes artifícios. Entretanto, pode-se observar que na Women’s Physique, categoria com maior volume e definição muscular – que causariam esta ambiguidade – são utilizados menos artifícios feminilizantes: não são permitidos sapatos de salto alto (as atletas competem descalças), nem joias. Isso indica que talvez estes artifícios não sejam uma simples compensação de corpos considerados

excessivamente masculinizados, uma vez que são mais utilizados pelas atletas de categorias já consideradas mais femininas – e, conseqüentemente, menos ambíguas. A proibição destes artifícios para a categoria Women's Physique assinala que o foco da avaliação dessas atletas recai sobre o desenvolvimento muscular, e não em atributos como beleza facial, graciosidade e aparência geral, que são importantes em outras categorias femininas.

Considerações Finais

O fisiculturismo é um esporte complexo, que envolve diversas categorias de competição com características específicas. Sua análise levanta questões de gênero que dizem respeito não apenas aos atletas envolvidos, mas a concepções da masculinidade e feminilidade presentes na sociedade brasileira em geral. Por ser um esporte historicamente dominado por homens, por envolver atividades consideradas impróprias às mulheres como o levantamento de peso e o uso de trajes de banho nas competições, as atletas femininas vêm, desde o princípio, enfrentando dificuldades para conseguir seu espaço. Quando competem como os homens, nas categorias como a antiga Culturismo Feminino e a Women's Physique atualmente, argumenta-se que elas são pouco femininas, esteticamente desagradáveis e que a musculatura exacerbada não é saudável ou natural em mulheres. Dessa forma, sofrem diversas repressões, desde a falta de patrocínio – que marca desejará patrocinar uma atleta cujo físico não é almejado pelo consumidor? – até a exigência de que diminuam suas proporções.

Enquanto para as categorias masculinas o objetivo é aumentar a musculatura indefinidamente, até o limite, para as femininas é imposto que controlem seu crescimento para que não se pareçam com homens. Se compararmos os corpos dos atletas fisiculturistas com o da maioria dos homens, entretanto, veremos que a diferença é enorme. Nenhum homem não atleta, por mais que pratique musculação de forma amadora, possui aquelas dimensões e aquela definição muscular. O corpo hipertrofiado, portanto, é um corpo de fisiculturista, um corpo de atleta, e não um corpo de homem. A questão aqui é que não se parece admitir que mulheres possam ser atletas. O fisiculturista é entendido como necessariamente homem, em um tempo em que é possível que mulheres alcancem o mesmo nível de desenvolvimento muscular, por meio das tecnologias utilizadas amplamente no esporte por atletas homens e mulheres, como

os anabolizantes, por exemplo.

Paralelamente, as categorias com menor volume muscular são deixadas em segundo plano, não são levadas a sério e nem consideradas atletas “de verdade”. Criadas com intuito comercial, elas devem ser bonitas e atraentes ao público e aos patrocinadores, como uma tentativa de salvar o esporte da aversão causada pelas atletas hipertrofiadas. A categoria Men’s Physique, criada com o mesmo intuito, é desdenhada pelos demais atletas, sendo comparada com as femininas, pois seus competidores devem ser bonitos, cuidar dos cabelos, sorrir no palco. Ser comparado com as mulheres atletas parece ridículo e degradante. Durante a competição de uma categoria Sênior, o árbitro fez uma piada nesse sentido: “Precisa dar uma caminhadinha até atrás também ou não?”, fazendo referência à apresentação das atletas Wellness e Bikini e reafirmando a diferença: elas não são a mesma coisa que eles. A apresentação deles é “séria”, a delas não. É cômico e absurdo fazer a mesma coisa que se espera das categorias femininas. Ao final das apresentações femininas, o representante da IFBB sempre as elogiava com frases como: “estão muito lindas, meninas”, e as beijava no rosto quando as entregava o troféu na premiação. Com homens, ele dizia que estava orgulhoso ou que o *shape* estava bom, e entregava o troféu com um aperto de mão.

Percebe-se, assim, que existe ainda uma dificuldade muito grande na prática do fisiculturismo feminino no Brasil, especialmente no que diz respeito às atletas que desejam desenvolver sua musculatura ao máximo, que é uma das características mais marcantes do esporte. A frase que dá título a este artigo, “Se músculo é coisa de homem, por que você não tem?”, foi retirada de espaços de interação entre atletas em redes sociais e retrata muito bem as discriminações sofridas por essas mulheres, bem como sua resistência ao questionar as associações entre musculosidade e masculinidade. Utilizada como resposta a críticas dirigidas a atletas ou ao esporte em geral, retira as formas musculares do âmbito da natureza – a hipertrofia, para elas, é alcançada por meio de muito esforço e dedicação individual – ao passo que tenta também ofender e diminuir a masculinidade de quem critica o esporte, utilizando sua própria lógica como argumento.

Reconheço a importância do estudo deste tema, ainda pouco abordado nas Ciências Sociais, que levanta muitas questões acerca das vivências das mulheres nos esportes, as concepções de corpo, de gênero e de sexualidade que estão envolvidas nessa prática e a relação que se dá com uma concepção de natureza, num esporte que promove a profunda transformação estética por meio das mais variadas técnicas que

exigem muito esforço e sacrifício por parte de quem se propõe a segui-lo.

Referências

ADELMAN, Miriam. As mulheres no mundo equestre: forjando corporalidades e subjetividades 'diferentes'. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 3, Dec. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000300015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Abr. 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

FURTADO, Roberto Pereira. Do Fitness ao Wellnes: os três estágios de desenvolvimento das academias de ginástica. **Pensar a Prática**. Jan./Abr. 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**, v. 19, n. 34, 2012.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem histórias. **Pensar a Prática**, Goiás, v. 8, n.1, p. 85-100, jan./jun. 2005.

GROSSI, Miriam P. Identidade de Gênero e Sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**. n. 24, p. 1-18. Florianópolis, 1998.

GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, 2004.

JAEGER, Angelita Alice. Corpos, músculos e feminilidades. **Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte de Porto Alegre**, Porto Alegre, set 2011.

JAEGER, Angelita Alice. **Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo**. 2009. 240 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento

Humano, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

JAEGER, Angelita Alice; GOELLNER, Silvana Vilodre. O músculo estraga a mulher? a produção de feminilidades no fisiculturismo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis , v. 19, n. 3, Dec. 2011 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2011000300016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Abr. 2014.

LEITÃO, Marcelo Bichels et al. Posicionamento oficial da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte: atividade física e saúde na mulher. **Rev Bras Med Esporte**, Niterói, v.6, n.6, Dec.2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86922000000600001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 21 Mar. 2015.

LESSA, Patrícia. Copos Blindados: a desconstrução de gênero no fisiculturismo feminino. **Revista Ártemis**, v.13. Jan/Jul 2012, p.210-221.

MATHIAS, Milena Bushatsky; RUBIO, Kátia. As práticas corporais femininas em clubes paulistas do início do século XX. **Rev. bras. educ. fís. esporte** (Impr.), São Paulo , v. 24, n. 2, June 2010 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092010000200010&lng=en&nrm=iso>. access on 23 Mar. 2015.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2,jul./dez. 1995, pp. 71-99.